

## TRADIÇÃO - Memória Colectiva de um Povo

LINO MENDES \*

**E**ncarando a **tradição** como a **memória colectiva de um povo**, seja permitido referir a **acção fundamental** que aos **Ranchos Folclóricos** e grupos similares cabe desempenhar. Isto é, falemos um pouco sobre a **preservação de uma identidade cultural** de que não podemos nem devemos abdicar hoje, quando o **desejado progresso nos impõe** por vezes **padrões universais**, e sabemos que o **correcto desenvolvimento assenta na defesa** dessa mesma identidade.

Como diz o povo, "recordar é viver". E não tenhamos a mínima dúvida, de que para **HOJE** construir o **AMANHÃ**, necessário se torna que **correctamente se conheça o ONTEM**. Sendo as **tradições**, os usos e costumes dos nossos antepassados, as "**raízes**" de que nos devemos orgulhar por muito que possam lembrar um passado de dificuldades ou de triste memória.

A um **RANCHO FOLCLÓRICO** cumpre, pois, ser o fiel depositário das tradições da região em que se insere, devendo a sua actividade assentar num cuidado trabalho de pesquisa. Não temos no entanto, e infelizmente, uma política cultural que encare, com o devido respeito, os ramos auxiliares da "**Antropologia Cultural**" que o **Folclore** e a **Etnografia** constituem.

Aliás, frequentemente se ouve afirmar "que isto ou aquilo não passa de folclore", quando algo se pretende minimizar. E dizem-no **pessoas com responsabilidade**, mesmo no âmbito cultural. E nem sempre os apoios prestados a grupos o são com base em critérios de qualidade (**leia-se autenticidade!**). E até como grupo artístico, que também é, um **Rancho Folclórico** tem rótulo de segundo plano.

Há, pois, um longo caminho percorrer e a partir da **ESCOLA**, onde afinal tudo começa—pelo menos a desabrochar. Porque há também todo um público a preparar, e só aquilo que se vive, se compreende, se pode amar verdadeiramente.

Não obstante o trabalho válido, que teimosamente e com abnegação tanto a **Federação do Folclore Português** como o **INATEL** vêm realizando muitos agrupamentos existentes e ditos de folclore, na realidade não o são. Chamem-lhes **Grupos de Danças e Cantares** e louvemo-los pelo que significam na ocupação dos tempos livres. Mas é preciso ter presente que dançar bem nem sempre significa **bailar correctamente** em termos **etnográficos**, que o vestir bonito pode nada ter a ver com o trajar com correcção. Um **RAN-**

\* Grupo de Promoção Sócio-Cultural de Montargil

CHO FOLCLÓRICO consciente da sua missão terá que ser um retrato vivo da história da sua terra---e que em nosso entender deve ter a devida continuidade num MUSEU local.

Mas um agrupamento folclórico, mesmo quando **representativo**, não pode ser apenas um grupo turístico---embora o conhecer novas gentes e novas paragens, o encontro com diferentes culturas seja aliciante, e também uma razão de ser. É que os seus componentes devem saber o "porquê" do que cantam, do que bailam, do que vestem. Tudo tem a sua história, e julgamos poder afirmar que de uma maneira geral no que respeita aos trabalhos, nada acontecia sem uma razão de utilidade.

O estudo da Etnografia e do Folclore, a começar pela sensibilização, deve, pois, ter lugar na Escola, percorrendo todos os seus escalões. Mas não se pretende, e compreende-se, que ao professor, em especial no Primário e no Preparatório, ao professor que em muitos casos até desconhece o meio, caiba essa função mais. Esse, e em nossa opinião, é papel que cumpre ao "animador qualificado", hoje, aliás e ainda, sem o seu "estatuto" devidamente reconhecido. **Mas pelos quais, e é bom que isso se tenha presente, passará a acção geradora de desenvolvimento.**

Se encararmos a **tradição** apenas nos domínios da **Etnografia** e do **Folclore**, diremos que sendo a "memória colectiva de um povo" (que não do povo!), a mesma foi nascendo e cresceu, até que a **telefonía** começou a interferir na criatividade colectiva das nossas gentes.

As "modas" tiveram naturalmente um autor que se perdeu na memória dos tempos. Nalguns casos, e por efeito das migrações, foram transportadas de região para região, sendo então moldadas pelo meio, naquelas em que se fixavam, se é que se fixavam.

Mas **tradição** é algo mais do que **bailar e cantar**. São as fainas e os ritos, são os mais variados usos e costumes do dia-a-dia de nossos avós. É toda uma gama de instrumentos de trabalho, toda uma maneira de ocupação de tempos livres (que se inventam quando não havia). São os jogos tradicionais, o contador de histórias, o poeta popular, o tocador de harmónio e de concertina, e outros mais instrumentos musicais.

Mas a **tradição**, como também hoje é encarada, pode não ser "memória colectiva de um povo", Mas foi sobre esta que nos propusemos hoje deixar uma síntese--que mais não é!--na esperança de que possa constituir o ponto de partida para um maior aprofundamento.